

SUBJETIVIDADES DOCENTES EM (RE)CONFIGURAÇÃO: ENTRE O DIGITAL E O PEDAGÓGICO

Nathaly Maria dos Santos ¹

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento ²

RESUMO

O presente ensaio teórico realiza uma análise crítica dos impactos da cultura digital na constituição das subjetividades docentes, com base em uma revisão bibliográfica fundamentada nos trabalhos de André Lemos, Byung-Chul Han e Anna Bentes. A pesquisa parte da compreensão de que a docência, no contexto da cibercultura, vem sendo atravessada por lógicas de visibilidade, performance e produção contínua, promovendo uma crescente exposição midiática do professor. Este passa a ser interpelado como um sujeito “instagramável”, cuja atuação profissional é condicionada por dispositivos que extrapolam a sala de aula, atingindo sua vida pessoal e emocional. A justificativa da investigação reside na urgência de compreender como essa nova configuração sociotécnica impacta os sentidos do trabalho docente, a autoridade pedagógica e a saúde mental dos educadores, sobretudo em tempos de intensificação do uso de redes sociais nas práticas educacionais. A análise revela que essa cultura da exposição fragiliza a identidade profissional, dilui fronteiras entre o público e o privado, e intensifica um regime de exigência estética e comunicacional permanente. Além disso, escancara a naturalização de processos de exploração simbólica e emocional sob o discurso da inovação e do engajamento. Em resposta a esse cenário, o ensaio propõe uma agenda crítica de pesquisa que contemple os efeitos da exposição digital sobre a subjetividade docente; as estratégias institucionais de uso das redes sociais; a mercantilização das práticas pedagógicas; e as experiências de resistência e uso crítico das mídias. Ao abrir espaço para novas problematizações, o trabalho contribui para a construção de políticas mais humanas e ambientes educacionais que reconheçam o professor como sujeito, e não apenas como produto da cultura da performance.

Palavras-chave: Cibercultura, Subjetividade docente, Cultura digital, Exposição midiática.

INTRODUÇÃO

O período digital tem fomentado transformações profundas nos modos de comunicar, gerar conhecimento e estabelecer vínculos sociais. A *cibercultura*, conceito que abrange o conjunto de práticas, valores e tecnologias ligadas à comunicação digital, redefine não somente as dinâmicas sociais, mas também as subjetividades dos sujeitos que nela se inserem (Lemos 2007; 2009). No âmbito educacional, tais mudanças afetam

¹ Doutoranda em Educação (UNIT). Mestre em Ensino de História pela Universidade de Pernambuco (UPE), graduada em História pela Universidade Católica de Pernambuco e Especialista em Gestão da Educação em espaço escolar e não escolar (FAFIRE). E-mail: nathaly.historia@gmail.com

² Líder do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/GPHPE. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Tiradentes. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2000).



diretamente a prática docente, reconfigurando o cotidiano dos professores, suas formas de atuação e, principalmente, o modo como percebem e experienciam o próprio trabalho.

Nesse contexto, faz-se necessário refletir sobre as subjetividades docentes, compreendidas como o conjunto de vivências, afetos, significados e maneiras de ser e agir que perpassam o educador em sua rotina pedagógica (Novaes, 2020; Schwartz; Alves; Weber, 2025). Tais subjetividades não são fixas, mas sim moldadas por discursos, tecnologias, relações institucionais e demandas socioculturais, sobretudo em ambientes mediados pela racionalidade digital.

A atuação do professor, anteriormente centrada em tempos pedagógicos relativamente delimitados, passa a ser permeada por uma lógica de presença ininterrupta, marcada por notificações, solicitações instantâneas e exigências de produção constante. André Lemos (2019), ao abordar a *cibercultura* como território recombinate, ressalta que o sujeito contemporâneo está imerso em uma condição de emissão permanente, na qual produzir, publicar e responder se tornam gestos quase automáticos. Essa dinâmica se infiltra na docência, convertendo o professor em um “nó informacional” que precisa permanecer sempre ativo, visível e produtivo.

Paralelamente, Byung-Chul Han (2018) analisa os efeitos desse novo regime sobre a psique e o corpo do sujeito atual. Para ele, vivemos sob o domínio de uma sociedade do desempenho, na qual a autoexploração se disfarça de liberdade e a positividade excessiva dá lugar a um novo tipo de sofrimento: o cansaço. O professor, cada vez mais cobrado por desempenhar múltiplas funções com excelência, torna-se um símbolo desse esgotamento silencioso, que corrói a potência criativa e o engajamento pedagógico.

Ao investigar os efeitos da economia da atenção e os mecanismos de impulsividade digital, Anna Bentes (2021) contribui para compreender como os dispositivos tecnológicos capturam os sujeitos por meio de impulsos e automatismos. No caso dos docentes, isso se traduz em uma rotina pautada pela reatividade: responder mensagens, atualizar plataformas, lidar com sistemas, reagir a estímulos variados, quase como um reflexo condicionado. O tempo da reflexão pedagógica cede lugar ao tempo da resposta imediata.

Diante desse quadro, este ensaio propõe discutir as subjetividades docentes em “colapso”, a partir de uma leitura crítica fundamentada na literatura de Lemos, Han e Bentes. Parte-se do pressuposto de que a prática docente contemporânea tem sido modelada por um conjunto de exigências tecnológicas e culturais que impõem ao



educador a condição de um sujeito hiperconectado, performático e reativo, frequentemente esgotado. Por meio de uma revisão bibliográfica analítica, busca-se compreender como esses autores iluminam as tensões que atravessam o trabalho docente na era da cibercultura e apontar possíveis caminhos para resistências éticas e reflexivas nesse novo território educacional.

METODOLOGIA

Este ensaio teórico foi construído com base em uma revisão de literatura de natureza qualitativa, com o objetivo de analisar criticamente os impactos das reconfigurações digitais sobre as subjetividades docentes. A escolha metodológica justifica-se pelo caráter exploratório e reflexivo da proposta, que busca articular conceitos, experiências e práticas a partir do diálogo entre autores contemporâneos cujas obras contribuem para entender os efeitos da *cibercultura* nas esferas subjetiva e profissional da docência.

A construção do texto ocorreu em três etapas principais. A primeira consistiu na seleção do referencial teórico que embasou a discussão, composto por obras que analisam, sob diferentes perspectivas, os efeitos das tecnologias digitais na constituição dos sujeitos.

A segunda etapa envolveu a análise conceitual integrada do material selecionado, buscando pontos de convergência e tensão entre os autores. A partir dessa leitura crítica, foram identificados eixos temáticos centrais para o desenvolvimento da argumentação, tais como: o excesso de visibilidade e exposição docente, o esgotamento vinculado à performance digital e a dissolução do tempo pedagógico diante das lógicas da instantaneidade e da emissão contínua.

Por fim, na terceira etapa, procedeu-se à organização argumentativa do texto em torno do pressuposto assumido para o ensaio, de que o cotidiano docente, atravessado por tecnologias e plataformas digitais, opera sob uma lógica que intensifica o colapso das subjetividades docentes. Esse argumento orientou a redação do ensaio, estruturado em uma sequência articulada de análises que pretendem contribuir para a reflexão crítica sobre a docência na era da hiperconectividade.



INTERSEÇÕES TEÓRICAS ENTRE SUBJETIVIDADE, *CIBERCULTURA* E CONDICIONAMENTOS DIGITAIS

Para compreender os impactos das reconfigurações digitais sobre o trabalho docente, é necessário recorrer a um conjunto de conceitos que permitam iluminar as transformações contemporâneas nas formas de ser, agir e experienciar a docência. Esta seção tem como objetivo apresentar um breve referencial teórico que orientará a leitura crítica proposta ao longo do ensaio, situando o leitor quanto aos sentidos atribuídos à noção de subjetividade docente, bem como às principais categorias de análise mobilizadas a partir das obras de André Lemos, Byung-Chul Han e Anna Bentes. Essa escolha teórica não é casual: ancora-se em uma compreensão da docência como um fenômeno complexo e multifacetado, atravessado por dinâmicas sociotécnicas que demandam novos olhares analíticos.

A compreensão das subjetividades docentes no contexto atual exige superar definições essencialistas e reconhecer a docência como um processo identitário em constante construção, permeado por dispositivos técnicos, relações de poder e regimes discursivos (Schwartz; Alves; Weber, 2025). Ser professor, nesse cenário, não é apenas ocupar uma função socialmente instituída, mas experienciar um campo de tensões onde se entrelaçam afetos, saberes, valores, expectativas institucionais e transformações culturais mais amplas. Trata-se, portanto, de compreender o docente como um sujeito em trânsito, cujas identidades são instáveis e moduladas pelas exigências contemporâneas de flexibilidade, adaptabilidade e presença contínua.

Ao adotar o termo subjetividade, opta-se por uma abordagem que entende o sujeito como efeito e agente de múltiplas forças, não apenas psicológicas, mas também políticas, sociais e tecnológicas (Novaes, 2020). Nesse sentido, a subjetividade docente é produzida no encontro entre corpo, linguagem, práticas pedagógicas e, especialmente hoje, plataformas digitais e mediações algorítmicas. O professor contemporâneo vive, com frequência, a necessidade de desempenhar papéis simultâneos: educador, gestor, produtor de conteúdo, comunicador multiplataforma, entre outros (Costa; Espigão; Pinto, 2022). Essa multiplicidade de funções transforma a experiência docente em um lugar de fricção permanente entre o fazer pedagógico e o estar disponível digitalmente. Essa tensão evidencia não apenas uma sobreposição de funções, mas também uma reconfiguração do ethos docente, marcado por uma nova racionalidade comunicacional que exige visibilidade, responsividade e atualização constante.



Além disso, as subjetividades docentes são tensionadas pela cultura da responsividade imediata, que redefine a noção de compromisso profissional. O que antes era associado à presença em sala de aula e ao planejamento didático, hoje se expande para uma atuação contínua em espaços de comunicação assíncrona, como grupos de mensagens, plataformas educacionais e redes institucionais (Costa; Espigão; Pinto, 2022). Nesse cenário, o tempo de trabalho se estende de maneira quase invisível, e o engajamento esperado do professor passa a incluir não apenas sua competência técnica, mas sua capacidade de estar sempre presente, ativo e responsivo, uma forma de performatividade subjetiva altamente exigente e frequentemente exaustiva. O docente é, nesse contexto, constantemente interpelado por uma lógica de aceleração, que dissolve os contornos entre vida profissional e pessoal, ampliando o espectro de sua atuação para além dos muros da escola ou da universidade.

A construção dessas subjetividades se dá, portanto, em contextos marcados por dispositivos de controle sutis, em que o imperativo da autonomia e da inovação convive com a vigilância, a mensuração constante e a sobrecarga emocional. É nesse emaranhado de fluxos, demandas e transformações que o professor contemporâneo tenta sustentar sua prática e, ao mesmo tempo, preservar sua integridade subjetiva (Schwartz; Alves; Weber, 2025). A paradoxal exigência de autonomia tutelada e inovação padronizada transforma o cotidiano docente em uma arena de negociações permanentes, em que a própria noção de liberdade pedagógica é atravessada por métricas, indicadores e rankings.

Essa subjetividade é vivida nos entrelugares da experiência pedagógica, da burocracia institucional e das demandas afetivas e comunicacionais que marcam o trabalho docente. A prática educativa, nesse sentido, não é apenas técnica ou instrumental; ela é também um espaço de constituição do sujeito que ensina, sendo moldada por lógicas sociais e culturais mais amplas, como as da *cibercultura*, que será abordada a seguir. A docência emerge, assim, como prática situada e tensionada por múltiplos vetores, onde o agir pedagógico é permanentemente desafiado a produzir sentido em meio a contextos de crescente complexidade e ambivalência.

Segundo André Lemos (2007; 2019), a *cibercultura* não deve ser entendida apenas como um conjunto de dispositivos tecnológicos, mas como um território recombinante, onde práticas, linguagens, sentidos e subjetividades são constantemente rearranjados. A metáfora do "território" remete a uma espacialidade simbólica e relacional, que desloca e reconstrói fronteiras entre o público e o privado, o tempo livre e o tempo produtivo, o íntimo e o profissional. Nesse território, os docentes deixam de atuar em espaços



delimitados e previsíveis, passando a ocupar zonas híbridas, nas quais sua presença é solicitada, vigiada e retroalimentada por circuitos digitais de alta velocidade.

Nesse território, o sujeito passa a ser condicionado a emitir, produzir e se fazer presente de forma contínua. Esse imperativo de visibilidade e emissão constante interfere diretamente na atuação dos professores, que, mediados por plataformas educacionais, redes institucionais e sistemas de mensageria, tornam-se nós conectados de um fluxo comunicacional incessante. A docência, assim, se insere em uma lógica onde o silêncio, a pausa e a elaboração dão lugar à instantaneidade da resposta e à multiplicação das tarefas. Esse deslocamento compromete o tempo de maturação das experiências educativas, favorecendo a superficialidade e o esgotamento intelectual e emocional dos profissionais da educação.

Complementando essa análise, Byung-Chul Han (2018), ao refletir sobre a dinâmica dos espaços digitais contemporâneos, propõe a ideia de um “exame digital”, em oposição ao “público” constituído por ação e pensamento comuns. No exame, os sujeitos não agem coletivamente, mas reagem isoladamente, de forma ruidosa e fragmentada. Essa configuração colabora para o colapso das narrativas duradouras e da construção coletiva de sentido, impondo um novo regime de comunicação: veloz, superficial e autoexpositiva. A comunicação educacional, inserida nesse regime, sofre rebaixamentos na sua qualidade e profundidade, o que impacta diretamente na formação crítica dos estudantes e no próprio *ethos* educacional.

No interior desse sistema, predomina a sociedade da performance, na qual os indivíduos são convocados a mostrar constantemente sua produtividade, motivação e capacidade de resposta. Para Han, essa lógica não gera apenas eficiência, mas sobretudo cansaço, um esgotamento vinculado à autoexploração e à exigência incessante de excelência. No contexto docente, essa condição se revela na sobrecarga de tarefas, na pressão por resultados, na exposição constante em plataformas virtuais e na diluição dos limites entre o tempo pessoal e o tempo profissional. A figura do professor herói cede lugar ao docente fatigado, cujo capital simbólico é medido por métricas de engajamento, presença online e alcance institucional.

A esse cenário soma-se a análise de Anna Bentes (2022), que, ao investigar as formas contemporâneas de subjetivação digital, propõe a metáfora do “quase um tique” para descrever os automatismos e impulsos que regem nossa relação com os dispositivos conectados. Bentes mostra como os sujeitos internalizam um modo de estar no mundo em que checar notificações, responder mensagens e atualizar conteúdos se torna uma prática



quase involuntária; um gesto repetido, fragmentado e capturado por algoritmos que regulam o tempo, o desejo e a atenção. A docência, nesse panorama, corre o risco de ser reduzida a uma prática reativa e fragmentada, distante dos ideais de escuta, paciência e diálogo que sustentam o processo educativo.

No caso dos professores, tais impulsos afetam diretamente a qualidade da experiência pedagógica, impondo uma lógica de reatividade que esvazia o espaço da escuta, da reflexão e da construção crítica do saber. A atenção, elemento central no ato de ensinar e aprender, é permanentemente desviada por notificações, demandas institucionais digitais e múltiplas camadas de conectividade. Preservar a atenção, enquanto prática ética e política, tornou-se um dos maiores desafios da educação contemporânea, especialmente em tempos em que a distração é sistematicamente monetizada e incentivada por estruturas tecnológicas hegemônicas.

ENTRE O *FEED* E A LOUSA: O PROFESSOR COMO PRODUTO DA VITRINE DIGITAL

No contexto contemporâneo, marcado pela hiperconexão e pela proliferação incessante de dados e imagens, a figura do professor passou a habitar também o território da *cibercultura*, um espaço fluido, recombinante e ininterruptamente atravessado por fluxos informacionais. Esse território, definido pela lógica da emissão constante, modifica radicalmente não só as formas de ensinar, mas também os modos de existir e ser percebido socialmente enquanto docente. O professor já não é apenas o agente da mediação pedagógica, mas também um sujeito interpelado pelas plataformas digitais a produzir, interagir e performar continuamente.

Essa lógica leva à ascensão do "professor *instagramável*", uma figura híbrida, situada entre o educador e o influenciador. Trata-se de uma performance cuidadosamente modulada, em que a prática pedagógica precisa ser transformada em espetáculo visual, capaz de gerar curtidas, compartilhamentos e engajamento. A aula deixa de ser apenas uma atividade situada no espaço-tempo da escola e torna-se também um conteúdo publicável, editável, replicável. O conhecimento se transforma em carrossel no Instagram, em *reel* de 15 segundos, em dancinha no TikTok com uma pitada de interdisciplinaridade.

A pressão por essa presença digital não parte apenas dos pares ou do próprio sujeito docente: é cada vez mais impulsionada pelas instituições de ensino, que veem na figura midiática do professor uma oportunidade de fortalecer suas marcas. O docente é



convocado a se tornar embaixador da escola, vitrine do projeto pedagógico e ponte emocional com os estudantes, que também são entendidos como público-alvo a ser fidelizado. Em muitos casos, o docente precisa promover a própria escola nas redes, “vender” o diferencial da proposta curricular e apresentar um discurso alinhado à estética jovem e atual. Essa situação cria uma camada de responsabilização sobre o professor, que ultrapassa sua função formativa e passa a envolver tarefas de *marketing*, *branding* e gestão de imagem.

O problema é que esse movimento raramente é acompanhado de formação crítica, suporte técnico ou discussão ética. Ao contrário: ele ocorre de maneira naturalizada, embutido na noção de que o professor precisa “se atualizar”, “acompanhar os tempos” e “se reinventar”. A ausência de reflexão sobre os impactos subjetivos dessa exposição contínua gera um ambiente propício para o adoecimento emocional. A docência se torna mais um espaço colonizado pelo imperativo da performance, e o cansaço deixa de ser apenas físico ou intelectual; passa a ser simbólico e afetivo. A sensação de nunca ser suficiente, de precisar sempre estar produzindo e exibindo, mina a autoestima profissional e compromete o sentido do trabalho docente.

Além disso, essa lógica da exposição constante e da responsividade ininterrupta interfere nos limites entre o público e o privado. As redes exigem uma presença que é, ao mesmo tempo, profissional e pessoal. O professor compartilha momentos da aula, mas também sua intimidade, sua vida familiar, suas vulnerabilidades. A ausência de fronteiras torna a existência docente um fluxo contínuo, onde não há mais desligamento possível. A ideia de “estar de folga” desaparece quando se está sempre visível, sempre interpretável. A subjetividade do educador é, assim, invadida por notificações, avaliações externas e expectativas irreais; um processo que esvazia o direito ao silêncio e à pausa.

Outro ponto crítico é a monetização da imagem do professor. Com o crescimento do “edu-*marketing*” e da “economia da atenção”, muitos docentes se veem tentados ou pressionados a transformar sua prática em produto rentável. Vender cursos, parcerias, produtos didáticos, materiais exclusivos torna-se parte do repertório profissional. Não há nada intrinsecamente negativo nisso; o problema surge quando essa monetização é confundida com valorização, quando o docente acredita que só será reconhecido se conseguir transformar sua prática em produto vendável. A pedagogia vira *commodity*, e o prestígio é medido por engajamento, não por aprofundamento.

Nesse contexto, instala-se um paradoxo: ao mesmo tempo em que se exige do professor uma atuação pública vibrante e inovadora, a própria escola parece se tornar cada



vez mais refém de um modelo de educação performativa, onde o conteúdo é secundário diante da forma de apresentação. O professor que não entra no jogo digital é lido como ultrapassado, desatualizado, resistente à mudança. A crítica aos dispositivos é confundida com desinteresse; o cansaço, com desmotivação. Instaure-se uma pedagogia do entusiasmo permanente, onde não há espaço para dúvida, para desaceleração ou para recusa.

Essa cultura da positividade compulsória também contribui para a romantização do sofrimento docente. Professores que “fazem tudo com amor” apesar da sobrecarga, que “dão a vida pelos alunos” apesar das más condições, são celebrados como heróis. Esse discurso invisibiliza os mecanismos de exploração emocional e simbólica, e naturaliza um modelo de profissional que suporta tudo em nome da vocação. A crítica é silenciada, e o cuidado com o professor se torna um tema secundário diante da necessidade de manter a imagem da escola “em alta” nas redes.

É nesse cenário que emerge, com força, o movimento global de restrição do uso de celulares e redes sociais em sala de aula (Santos; Vasconcelos; Alves, 2024). Iniciativas em países europeus e, mais recentemente, em estados brasileiros, indicam uma tentativa de recuperar o foco e reduzir os impactos da dispersão digital nos estudantes. Curiosamente, essas medidas pouco discutem o impacto das redes sobre os docentes. Há um silenciamento sobre a necessidade de o professor também se desconectar, de poder se resguardar, de recuperar a centralidade do vínculo pedagógico presencial. A crítica aos celulares, feita em nome do rendimento e da saúde mental dos estudantes, não se estende à realidade de professores atravessados por notificações e algoritmos o tempo todo.

Essa assimetria escancara uma profunda contradição do projeto educacional contemporâneo: queremos estudantes concentrados, mas professores hiperconectados; defendemos o foco, mas exigimos presença digital contínua. Enquanto o estudante é orientado a fechar a tela, o professor é obrigado a mantê-la aberta. Isso revela não apenas uma incoerência institucional, mas também uma desvalorização simbólica da condição docente, como se o professor estivesse imune aos efeitos do excesso, da visibilidade e do esgotamento digital.

Reverter esse quadro exige mais do que regulamentações técnicas. Implica repensar o modelo de subjetividade que está sendo produzido pela educação midiaticizada. É necessário recuperar o valor do tempo lento, da escuta, do anonimato, do processo. É preciso que a escola seja um espaço de cuidado com quem ensina, e não apenas uma



vitrine de inovação. A resistência à lógica das redes não é um atraso: é, muitas vezes, um gesto ético. E talvez a educação precise reaprender a valorizar esse tipo de gesto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: entre algoritmos e afetos; repensar a docência

O presente ensaio teve como objetivo refletir sobre a *cibercultura* na constituição das subjetividades docentes, em especial diante do fenômeno da exposição midiática do professor, que passa a ser interpretado, estimulado e muitas vezes pressionado a atuar como um sujeito "*instagramável*", inserido em lógicas de visibilidade, performance e produção contínua. Buscou-se, ao longo da discussão, tensionar os efeitos dessa nova configuração sociotécnica sobre a prática pedagógica, os sentidos do trabalho docente e as condições subjetivas de quem ensina.

A análise desenvolvida revelou que a atuação docente, no contexto atual, está atravessada por uma série de dispositivos que extrapolam a dimensão da sala de aula e adentram o território da *cibercultura*. O professor é convocado a estar presente nas redes, a divulgar sua prática, a transformar-se em conteúdo, a corresponder às expectativas de jovialidade, dinamismo e engajamento. Esses processos não apenas moldam novas formas de presença e de mediação pedagógica, mas também introduzem pressões e desgastes muitas vezes invisibilizados no debate público sobre a educação.

Foi possível observar, também, como essa cultura da exposição altera a fronteira entre o público e o privado, entre o trabalho e a vida pessoal, tornando a docência uma atividade potencialmente contínua, vigiada e atravessada por julgamentos instantâneos. A estética da inovação e da atualização permanente pode esconder um regime de exploração emocional e simbólica que se naturaliza sob o manto do entusiasmo e da vocação. Ao mesmo tempo, a mobilização recente em torno da limitação do uso de celulares por estudantes evidencia uma preocupação crescente com os impactos da hiperconexão no ambiente escolar, preocupação essa que precisa, com urgência, ser estendida também ao corpo docente.

Como desdobramento desta reflexão, propõe-se uma agenda de pesquisa voltada a aprofundar o debate sobre os seguintes temas:

- a) Subjetividade docente na era digital: investigações qualitativas sobre os efeitos da exposição digital na saúde mental, identidade profissional e motivação de professores, especialmente nas redes públicas de ensino.



- b) Políticas institucionais e redes sociais: análise crítica das formas como escolas e secretarias de educação utilizam as redes sociais como vitrine, e como isso impacta o cotidiano docente.
- c) Cultura da influência e mercantilização da educação: mapeamento e análise de como práticas docentes são transformadas em produtos consumíveis e como isso altera o sentido do trabalho pedagógico.
- d) Resistências e alternativas: investigações sobre experiências de recusa, desaceleração, ou uso crítico das redes por parte de professores e instituições de ensino.

Ao contribuir para esse debate, este ensaio não pretende oferecer respostas definitivas, mas abrir espaço para novas problematizações sobre o lugar do professor, em meio às demandas de “*digital influencer*” nas redes digitais. Reconhecer os impactos da *cibercultura* nas subjetividades docentes é um passo fundamental para a construção de políticas mais humanas, ambientes pedagógicos mais respeitosos e uma cultura educacional que valorize o silêncio tanto quanto a fala, o processo tanto quanto a entrega, e o professor enquanto sujeito, e não apenas enquanto conteúdo.

Nesse sentido, espera-se que as reflexões aqui reunidas possam subsidiar não apenas a produção acadêmica, mas também decisões pedagógicas e institucionais que contribuam para o fortalecimento ético, emocional e profissional de quem sustenta, cotidianamente, o ato de educar em tempos digitais.

REFERÊNCIAS

BENTES, Anna. **Quase um tique:** Economia da Atenção, Vigilância e Espetáculo em uma rede social. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

COSTA, Breno G. S.; ESPIGÃO, Helga S.; PINTO, Marcelo R. Professor ou Youtuber? A crise da COVID-19, as mudanças de práticas sociais e a adoção de tecnologias para o ensino remoto. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, maio/jun. 2022.

HAN, Byung-Chul. **No enxame:** perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LEMOS, André Luiz Martins. Cibercultura como território recombinante. In: MARTINS, C. D; SILVA, D. C. e; MOTTA, R. (org.). **Territórios recombinantes:** arte e tecnologia. São Paulo: Instituto Sérgio Motta, 2007. p. 35-46.



LEMOS, André Luiz Martins. Desafios atuais da cibercultura. **Jornal Correio do Povo**, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 15 de junho de 2019.

NOVAES, Adelina. PROFESSOR É UMA PESSOA: Constituição de subjetividades docentes na periferia de São Paulo. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. 1, p. 59–79, jan. 2020.

SANTOS, Willian Lima; VASCONCELOS, Alana Danielly; ALVES, Manoel Messias Santos. Smartphone em sala de aula: vilão ou aliado para o ensino e aprendizagem? Reflexões a partir de relatórios da UNESCO. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 609–623, 2024. DOI: 10.17564/2316-3801.2024v12n2p609-623

SCHWANTZ, Josimara Wikboldt; ALVES, Ana Paula Menna; WEBER, Carla Beduhn. Subjetividades docentes em tempos de caos: criações. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 11, 2025. DOI: 10.23899/6b6v6q91.

